

Como se encontra a dose correta de um medicamento?

Friedwart Husemann

Médico antroposófico

Endereço para correspondência: Maria-Eich-Str. 57 A 8032 Gräfeling bei München, Alemanha.

Endereço eletrônico: friedwart.husemann@gmx.de

Tradução de Rodolfo Schleier com autorização do autor e da Revista Der Merkurstab, do original em alemão: Wie findet man die richtige Arzneimitteldosis? *Der Merkurstab*, 44(2): 120-7, 1991¹.

Muito frequentemente constatamos que um medicamento, o qual em sua concepção teórica deveria ser eficaz, não o é na prática. Consideramos então se ele poderia talvez ser administrado sob uma outra dose, ou uma outra forma farmacêutica. Daremos em seguida uma sinopse das passagens mais importantes sobre a dinamização na obra de Rudolf Steiner e de alguns casos clínicos, através dos quais adquirimos noções e orientações, para que a arte de encontrar a dose correta do medicamento se torne cada vez mais compreensível. Para cada ponto de vista referido aqui em particular, abre-se naturalmente um vasto trabalho de pesquisa.

O ser humano como critério

Na base das nossas considerações está a trimembração do organismo humano. O sistema metabólico-locomotor é aquele que mais se assemelha à natureza exterior; quando nele há alguma carência, ou quando se quer agir contra a doença a partir dele, então se deveria optar pelas dosagens alopáticas² e pelas baixas dinamizações (da tintura mãe até D4 ou D6).

Quando o distúrbio está efetivamente sediado no sistema rítmico, são necessárias as dosagens médias (por exemplo, D10, D12). Quando se quer agir par-

tindo da cabeça, estão indicadas as potências mais altas, por exemplo, D30 (Steiner, 1963a). Na tuberculose, por exemplo, Steiner aconselha o mercúrio em potências médias, mas se o paciente apresenta também uma patologia hepática, devem ser usadas potências mais baixas (Steiner, 1963b). Nem sempre a sede e a causa de uma doença coincidem no mesmo órgão, e a escolha do grau de dinamização se orienta sempre pelo órgão no qual reside a causa da patologia, por exemplo, um paciente pode ter uma doença no pé que na realidade é uma 'doença mascarada da cabeça' e portanto deve ser tratada com altas potências (Steiner, 1963b).

De modo análogo uma disenteria deve ser tratada com potências médias de arsênio, e uma difteria com potências médias de cinábrio, porque nestes casos devemos atuar sobre o corpo astral que por sua vez pertence ao sistema rítmico (Steiner, 1963c).

Resumindo, conforme o sistema onde está a causa da patologia:

Sistema neurossensorial	Potências altas
Sistema rítmico	Potências médias
Sistema metabólico-locomotor	Potências baixas

¹O autor escreveu este artigo motivado pelos frequentes questionamentos que lhe foram feitos a este respeito. Ao mesmo tempo, colegas holandeses enviaram um manuscrito sobre este tema, que foi publicado na mesma edição da *Merkurstab*. Apesar de algumas coincidências, eles são tão diversos e o tema em si é tão importante, que mais trabalhos sobre dinamização se fazem necessários.

²N.T.: O autor usa a palavra 'alopáticas' no sentido de 'ponderais', onde a substância medicamentosa está fisicamente presente e pode ser aferida por meios físico-químicos; e 'homeopáticas' no sentido de 'dinamizadas', o que inclui o medicamento antroposófico.

Uma segunda lei fundamental da dosagem está ligada a isto que é propriamente a polaridade entre o ser humano inferior e superior. No primeiro domina a lei da gravidade, no homem superior o contrário. Por exemplo, o cérebro que pesa em média 1.500 g, imerso no líquido cérebro-espinhal, tem devido ao empuxo um peso efetivo de apenas 20 g (Husemann, 1983). Dessa forma o cérebro pesa só um centésimo (homeopaticamente falando: D2) daquilo que pesaria sem a força do empuxo. Há polaridades semelhantes entre muitos órgãos contrapostos: é só pensar nos glomérulos renais cheios de sangue, e nos bulbos oculares, construídos de modo similar aos glomérulos, porém repletos de luz. Assim compreendemos que:

A nossa organização superior tem algo de homeopatizante. Essa é de certo modo exatamente o oposto do processo digestivo comum, o contrário, a imagem negativa. Enquanto o farmacêutico homeopata prepara as suas diluições, ele conduz as propriedades ligadas à organização humana inferior, em propriedades que venham a assumir uma relação com a organização superior (Steiner, 1990a).

A dinamização adquire de tal modo uma dimensão humana. Assim como há limites para a forma humana, também deve haver limites para a dinamização. Sem esta medida a diluição e a dinamização poderiam prosseguir, a princípio, até o infinito.

Homem superior	Efeito homeopatizante
Homem inferior	Efeito das substâncias concentradas

Considerando juntos estes dois princípios até agora citados, compreendemos a transformação que Steiner fez da regra hahnemanniana da similitude. Hahnemann escreveu no Organon:

Para curar uma enfermidade de modo suave, rápido, seguro, e durável, escolha um medicamento que por si mesmo suscitaria uma doença similar (*homoion pathos*) àquela que se deve curar (Hahnemann, 1921).

O mesmo é formulado em latim: *Similia similibus curentur*. Porém esta regra da semelhança não explica totalmente os fatos. Steiner a complementou do seguinte modo:

Aquilo que em grande quantidade faz adoecer no ser humano inferior, quando é levado a agir em pequenas quantidades a partir do ser humano superior, atua de forma curativa, e vice-versa (Steiner, 1963d).

A regra do semelhante não vale somente para o efeito alopático e homeopático dos medicamentos, mas vale também – independente disso – em segundo lugar, para a relação entre o ser humano inferior e superior, e em terceiro, para o fenômeno da inversão.

Podemos escrever esquematicamente:

Homem superior	Pequenas quantidades da mesma substância	Efeito salutar
Homem inferior	Efeito das substâncias concentradas	Efeito adoeceador

A substância como critério

Também as próprias substâncias têm qualidades que podem remeter a um grau maior ou menor de dinamização. Se pensarmos na ação do chá de flores de tília, por exemplo, ou *Sulfur* em baixas potências. Segundo Steiner, em linhas gerais, as substâncias muito aromáticas e saborosas agem mesmo em baixas diluições, enquanto substâncias que atuam menos intensamente sobre o paladar e olfato são eficazes em diluições muito altas. Resumindo (Steiner, 1990b):

Substâncias sem cheiro e sem sabor	Agem em diluições muito altas
Substâncias saborosas e odoríferas	Agem em baixas diluições

Além disso, algumas substâncias requerem uma dinamização diferente, por suas características. Os compostos de silício, por exemplo, necessitam de altas potências, por sua própria natureza, dado que sempre tendem à cabeça e à periferia do corpo; enquanto os compostos de cálcio, por exemplo, na absoluta maioria das vezes, são mais adequados quando usados em baixas potências (Steiner, 1963b):

Compostos de silício	Requerem geralmente altas potências
Compostos de cálcio	Requerem geralmente baixas potências

A potência em si como um critério

A dinamização em si exerce diferentes efeitos sobre a substância. São descritos efeitos temporais, rítmicos e substanciais. Quando, por exemplo, se administra cálcio a 5%, então se usam as antigas forças vitais do cálcio, ainda contidas dentro dele, são aplicadas as forças do passado do cálcio, agindo de tal modo - como dito acima - sobre os órgãos digestivos do paciente. Se em vez disso se usa o cálcio dinamizado (Steiner fala de cinco décimos de milésimo, que corresponderia a uma D4 ou D5, mas poderia ser um erro do estenógrafo?), o cálcio age sobre a esfera da cabeça do paciente, e são aplicadas as forças do futuro do cálcio (Steiner, 1980). Assim, para a dimensão temporal das potências, tem-se que:

Cálcio em forma homeopática age sobre a cabeça	Utilizando as forças do futuro do cálcio
Cálcio em forma alopática age sobre o sistema digestório	Utilizando as forças do passado do cálcio

Ao final da VI Conferência de Ciência Espiritual e Medicina, Steiner sugere que há uma maneira de extrair das substâncias, através da dinamização, as qualidades de sal, mercúrio e enxofre. Se confrontarmos esta afirmação com a íntegra da VI Conferência, se obtêm aquilo que descreveu Ernst Marti (1969):

Altas potências	Estado sulfúreo
Médias potências	Estado mercurial
Baixas potências	Estado salino

Desta forma, quando prescrevemos *Sulfur* D30, administramos o enxofre em uma potência sulfúrea; *Mercurius* D4 por sua vez seria mercúrio em uma potência salina.

Na progressiva homeopatização gradual de uma substância, não se trata de uma simples diluição. Hahnemann já havia estabelecido que para cada grau de diluição é necessário agitar de modo enérgico ou triturar, a fim de conservar a força do medicamento. Ele rejeitava o termo 'diluições' e falava em 'potências'.

Na XI Conferência de Ciência Espiritual e Medicina, Steiner previu o aumento e a diminuição rítmica

do efeito na passagem progressiva a potências mais altas, fato que mais tarde foi constatado repetidas vezes por vários autores (Kolisko – 1923; Juncker – 1925, 1928; Persson – 1933; Boyd – 1934; Schwenk – 1954; Pelikan & Unger – 1965; Heintz – 1971 e finalmente Benveniste – 1988), utilizando métodos experimentais diferentes (Husemann, 1989).

Estes “efeitos rítmicos de força vitalizante” (Steiner, 1982a) são um tipo de fenômeno arquetípico da dinamização dos medicamentos. Se compararmos estes ritmos com as afirmações feitas até agora: o sistema rítmico está situado entre o homem inferior (onde são indicadas baixas potências) e o homem superior (onde se trabalha com altas potências).

Aqui nós observamos no sistema rítmico do próprio medicamento, que toda cura se origina primeiramente no sistema respiratório (Steiner, 1989a). Entre as potências baixas que se referem ao passado, e as altas potências que remetem ao futuro, manifesta-se o presente mercurial do medicamento. Poderíamos também chamar as baixas potências como materiais, as altas potências como espirituais, e o ritmo entre as duas é semiespiritual. Steiner designava todos os processos rítmicos praticamente como semiespirituais (Steiner, 1962).

O farmacêutico ao dinamizar, executando seus movimentos rítmicos, é aquele que traz estes ritmos à expressão.

Dinamização	<i>Sulfur</i>	“Efeitos rítmicos da força vitalizante”
	Mercúrio	
	Sal	

Crítérios anímicos

Os sintomas psíquicos dão uma importante orientação para a escolha da potência correta a empregar. Na realidade as doenças físicas têm sua causa no âmbito da alma, enquanto as assim ditas doenças mentais têm sua causa nos órgãos corpóreos. As patologias físicas deveriam, portanto, sempre evocar a pergunta sobre o temperamento do paciente.

Um paciente com temperamento hipocondríaco, depressivo, deve ser tratado a partir da esfera inferior, com baixas potências, em doses ponderais. Se um paciente (além de sua doença) tem uma natureza desperta, vivaz e sanguínea, então devemos pensar nas potências superiores (Steiner, 1990c).

Temperamento sanguíneo	Altas potências
Hipocondria (melancolia)	Baixas potências

De acordo com esta indicação, por exemplo, nas depressões se administra *Aurum* em D6, e nas manias por sua vez em D20 ou D30. Um outro caso de critério anímico é exemplificado mais adiante para o antimônio.

O modo de administração

Além da questão da dose correta do medicamento, temos também a questão das diferentes formas de administração. Pela via oral atuamos sobre o metabolismo, com a via parenteral (injeções) atuamos diretamente sobre o sistema rítmico, e com as aplicações externas (banhos, compressas, pomadas etc.) atuamos sobre o sistema neurossensorial (Steiner, 1982b).

Aplicação externa	Neurossensorial
Injetável	Rítmico
Via oral	Metabólico-locomotor

A este respeito, Steiner dá uma série de exemplos indicativos para o fósforo (Steiner, 1982c). Em consequência precisamos ter em mente essa conexão, de que tanto as aplicações externas como as altas potências atuam sobre o sistema neurossensorial, e de que elas possuem uma certa afinidade entre si.

O antimônio como exemplo

Com relação ao antimônio Steiner faz uma distinção muito interessante entre pacientes com vontade forte e pacientes com vontade fraca. Lembramos aqui que as três forças anímicas têm base nas três partes constitutivas, da seguinte forma:

Sistema neurossensorial	Pensar
Sistema rítmico	Sentir
Sistema metabólico-locomotor	Querer

A um paciente com a vontade forte, deve ser dado o antimônio por via oral, chegando-se assim pelo modo

de administração ali onde age a vontade; este antimônio por via oral deve ser administrado neste caso em altas diluições, escolhendo-se assim a potência de modo a agir a partir do sistema neurossensorial, ou, do ponto de vista anímico, a partir da esfera do pensar. A um paciente com vontade fraca o antimônio deve ser dado externamente, na forma de pomada, em potências baixas. Assim: com a potência se atinge o polo da vontade, e com o modo de administração se atinge o sistema neurossensorial. O tifo abdominal, para o qual o antimônio tem uma indicação específica, será tratado com fricções de pomada de antimônio em dosagens alopáticas e ao mesmo tempo com administrações orais de antimônio em dose homeopática (Steiner, 1990d).

No tifo abdominal:

Pacientes com vontade forte	Antimônio por via oral em alta potência
Pacientes com vontade fraca	Antimônio por via externa (pomada) em baixa potência

Há limites para a dinamização?

Se considerarmos a dinamização somente do ponto de vista mecânico, não há limites. O resultado é outro se em vez disso tomarmos o ser humano como referência. A partir da tintura mãe até a D12 passamos do âmbito metabólico ao rítmico. Portanto dez a doze graus de dinamização constituem a medida de um sistema orgânico a outro. Do ponto de vista antroposófico, na base destas medidas estão os grandes passos evolutivos do ser humano. No caso acima temos o caminho que vai da antiga Lua (metabólico) ao antigo Sol (região do tórax). Se continuássemos dinamizando no mesmo intervalo, atingiríamos com a D30 a região do sistema neurossensorial, que tem origem no antigo Saturno (Steiner, 1995). Se continuássemos mais ainda, até a D60 ou D200, iríamos além da dimensão humana. Disso resulta uma insegurança, da qual devemos estar conscientes.

Se as altas potências operam com as forças do futuro de uma substância, quão longe estaríamos intervindo no futuro ao usarmos potências como D200 ou ainda maiores?

De forma análoga ocorre com os princípios curativos de sal, mercúrio e enxofre. Quando prescrevemos potências acima de D30, abandonamos o princípio sulfúreo e passamos a um nível acima deste. Da mesma forma, abandonamos o princípio salino e passamos a um nível abaixo deste, quando nos atemos aos efeitos intoxicantes da substância.

Do ponto de vista temporal, a forma de ação intoxicante, com seus efeitos colaterais, é ultraconservadora, ao lançar mão do elemento 'ultraconservador' de uma substância. É por isso que tais efeitos são facilmente reproduzíveis. As potências altíssimas por sua vez intervêm no futuro distante, acentuam o elemento individual, são revolucionárias; isto vale também quando elas têm um efeito aparentemente suave. A sua ação, frequentemente rápida, é revolucionária.

Nos casos clínicos discutidos com Steiner são prescritas quase que exclusivamente potências até a D30, e as poucas exceções serão exemplificadas mais adiante. Há também uma passagem onde o próprio Steiner faz uma ponte entre a administração de substâncias dinamizadas e o seu conceito de 'altas potências'. Trata-se desta, ao descrever a *Arnica montana*, que possui uma forte afinidade com o sistema nervoso:

E quando os senhores administram injeções de arnica, mais precisamente em altas potências, na 15ª, 25ª e mesmo na 30ª, na maioria dos casos os senhores irão constatar que a injeção de *Arnica* atua de tal forma, que o paciente se sente impulsionado a fazer alguma coisa por si mesmo contra seus distúrbios nervosos. Então, é preciso sempre estar convicto de que repentinamente o paciente percebe: aquilo que se encontra nos nervos, pode ser retirado por algum medicamento, e agora sou capaz de utilizar a minha organização do eu, a minha organização anímica. Neste caso se trata de uma retirada (Steiner, 1989b).

Por outro lado, Steiner frequentemente chegava até os limites dos efeitos tóxicos. A formulação *Argentum met. D6 / Mercurius vivus D6 / Thuya D6* (antigo *Thuya comp.*), por exemplo, originalmente continha *Mercurius vivus D3*. Segundo Steiner é "insensato sonhar com uma medicina sem venenos" (Steiner, 1989c).

Rudolf Steiner rejeitava as potências altíssimas?

Diz-se frequentemente que Steiner rejeitava as potências além da D30. Na verdade, não são conhecidas passagens em que Steiner tenha manifestado essa opinião de modo expresso ou escrito. Melhor dizendo, o fato é que Steiner prescreveu diluições acima da D30 em casos absolutamente raros. *Belladonna D60* contra estados visionários, *Aesculus D50* ou *Aescu-*

linum de D50 a D100 em caso de cárie dentária, e *Succus citri D200* em um caso psiquiátrico, uma vez que *Succus citri* em potências mais baixas havia sido desfavorável (Krüger, 1969). Particularmente instrutivo é o seguinte tratamento com *Argentum*. Trata-se dos protocolos clínicos adicionais referentes ao "quinto caso", em "Elementos fundamentais para uma ampliação da arte de curar", sobre uma paciente de 26 anos com um abscesso de sedimentação na coxa direita, que teve uma recaída febril durante a convalescença.

Aqui Steiner prescreveu injeções de *Argentum D30*, duas ampolas ao dia, a primeira pela manhã na altura da última vértebra sacral, a segunda à noite na região cervical, mas o mais alto possível (os nervos espinhais guardam uma relação com as fases lunares, ver a VI Conferência da GA 106, Mitos e mistérios do Egito³). E agora a declaração de Rudolf Steiner acerca destes locais de aplicação, reveladora para a nossa correlação: "Se fôssemos fazer isso na região occipital, seria necessário usar uma potência decimal muito mais alta, se possível, a 500ª" (Krüger, 1969).

A partir daí, compreendemos que também as potências altíssimas podem ter um fundamento racional; porém elas podem ser substituídas por potências mais baixas de igual eficácia - por exemplo, escolhendo-se uma outra via de administração ou mesmo escolhendo simplesmente um outro ponto de injeção. Como mencionamos acima, as potências altas e as aplicações externas têm isto em comum, de que ambas atuam sobre o sistema neurossensorial. Aquilo que não se atinge através de uma via, se pode atingir ou melhorar através de uma outra via. Uma terapia racional deve, em todo caso, contemplar a maneira de ação. A partir do que Steiner descreveu, se vê claramente que esta compreensão é difícil no caso das potências além da D30.

Referências bibliográficas

- Hahnemann S. *Organon der Heilkunst*. 6. Aufl., Einleitung, 1921.
- Husemann F. Die Wirksamkeit kleinster Entitäten, nachgewiesen von Kolisko (1923) bis Benveniste (1988). *Das Goetheanum*, n.47, 1989.
- Husemann G. *Der Liquor cerebro spinalis. Beiträge Erw. Heilk.*, Hefte 1 und 4, 1980 und Heft 1, 1983.

³N.T.: Um período de 14 dias que vai da Lua Nova à Lua Cheia, e outro que vai da Lua Cheia à Lua Nova – obra ainda não disponível em português.

- Krüger H. *Heilmittel Angaben R. Steiners. Rubrik Potenzierete Heilmittel*. Dornach: Freie Hochschule für Geisteswissenschaft, Medizinische Sektion, 1969.
- Marti E. Über das Potenzieren. *Beitr. Erw. Heilk.*, Heft 2, 1969.
- Steiner R. *Anthroposophische Leitsätze* (GA 26). *Wo ist der Mensch als denkendes und sich erinnerndes Wesen?* Dornach: Verlag der Rudolf Steiner-Nachlassverwaltung, 1962. 265 p.
- Steiner R. *Geisteswissenschaftliche Gesichtspunkte zur Therapie* (GA 313), 4. und 6. Vortrag. Dornach: Rudolf Steiner Verlag, 1963a. 175 p.
- Steiner R. *Geisteswissenschaftliche Gesichtspunkte zur Therapie* (GA 313), 6. Vortrag. Dornach: Rudolf Steiner Verlag, 1963b. 175 p.
- Steiner R. *Geisteswissenschaftliche Gesichtspunkte zur Therapie* (GA 313), 5. Vortrag. Dornach: Rudolf Steiner Verlag, 1963c. 175 p.
- Steiner R. *Geisteswissenschaftliche Gesichtspunkte zur Therapie* (GA 313), 8. Vortrag. Dornach: Rudolf Steiner Verlag, 1963d. 175 p.
- Steiner R. *Vom Leben des Menschen und der Erde* (GA 349), Arbeitervorträge Band 3, 1. Vortrag, 17. Februar 1923. Dornach: Rudolf Steiner Verlag, 1980. 264 p.
- Steiner R. *Anthroposophische Menschenerkenntnis und Medizin* (GA 319), Vortrag vom 15. November 1923 in Den Haag. Dornach: Rudolf Steiner Verlag, 1982a. 256 p.
- Steiner R. *Anthroposophische Menschenerkenntnis und Medizin* (GA 319), Vortrag vom 18. November 1923 in Den Haag. Dornach: Rudolf Steiner Verlag, 1982b. 256 p.
- Steiner R. *Anthroposophische Menschenerkenntnis und Medizin* (GA 319), Vortrag vom 16. November 1923 in Den Haag. Dornach: Rudolf Steiner Verlag, 1982c. 256 p.
- Steiner R. *Der Mensch als Zusammenklang des schaffenden, bildenden und gestaltenden Weltwortes* (GA 230), Vortrag vom 28. Oktober 1923. Dornach: Rudolf Steiner Verlag, 1985. 220p.
- Steiner R. *Das Miterleben des Jahreslaufes in vier kosmischen Imaginationen* (GA 229), Vortrag vom 13. Oktober 1923. Dornach: Rudolf Steiner Verlag, 1989a. 108 p.
- Steiner R. *Physiologisch-therapeutisches auf Grundlage der Geisteswissenschaft. Zur Therapie und Hygiene* (GA 314), Vortrag vom 2. Januar 1924. Dornach: Rudolf Steiner Verlag, 1989b. 350 p.
- Steiner R. *Physiologisch-therapeutisches auf Grundlage der Geisteswissenschaft. Zur Therapie und Hygiene* (GA 314), Vortrag vom 28. Oktober 1922. Dornach: Rudolf Steiner Verlag, 1989c. 350 p.
- Steiner R. *Geisteswissenschaft und Medizin* (GA 312), 2. Vortrag. Dornach: Rudolf Steiner Verlag, 1990a. 400 p.
- Steiner R. *Geisteswissenschaft und Medizin* (GA 312), 9. Vortrag. Dornach: Rudolf Steiner Verlag, 1990b. 400 p.
- Steiner R. *Geisteswissenschaft und Medizin* (GA 312), 17. Vortrag. Dornach: Rudolf Steiner Verlag, 1990c. 400 p.
- Steiner R. *Geisteswissenschaft und Medizin* (GA 312), 19. Vortrag. Dornach: Rudolf Steiner Verlag, 1990d. 400 p.